

As três mesas-redondas realizadas no decorrer dos trabalhos tiveram como temas, respectivamente: — “Elaboração de um dicionário técnico de termos geográficos, geológicos e outros afins”; “O processo de cálculo das áreas estaduais, municipais e distritais” e, finalmente, “Problemas gerais do ensino da Geografia”.

Como parte do programa cultural da Assembléia, foi levada a efeito uma excursão a Angra dos Reis a bordo do cruzador “Tamandaré”.

SOLELNIDADE DE ENCERRAMENTO

A sessão solene de encerramento foi presidida pelo Des. FLORÊNCIO DE ABREU e contou com o comparecimento de figuras do mundo oficial.

A ela compareceu o embaixador José CARLOS DE MACEDO SOARES, antigo presidente do I.B.G.E., que foi introduzido no recinto, sob uma salva de palmas, por uma comissão constituída dos Srs. RUBENS PÔRTO, MANUEL DIEGUES JÚNIOR e Alm. JORGE DODSWORTH MARTINS.

XVIII Congresso Internacional de Geografia

A fim de aproveitar a presença no Rio de Janeiro do primeiro vice-presidente da União Geográfica Internacional, Prof. ORLANDO RIBEIRO, reuniram-se no Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil, a 26 de agosto do corrente ano, vários membros da Comissão Organizadora do XVIII Congresso Internacional de Geografia.

A reunião contou com a presença do secretário-geral do Conselho Nacional de Geografia, Cel. DEOCLÉCIO DE PARANHOS ANTUNES e do presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Prof. MÁRIO LACERDA DE MELO.

O secretário-executivo da Comissão Organizadora, Prof. HILGARD O'REILLY STERNBERG encaminhou os debates de maneira a esclarecer certas fases dos trabalhos de organização do Congresso.

Após a reunião, em entrevista concedida à imprensa, declarou o Prof. ORLANDO RIBEIRO:

“É com o maior interesse que os geógrafos de todo o mundo esperam a sua próxima reunião universal. O XVIII Congresso Internacional de Geografia celebrar-se-á no Rio de Janeiro, em agosto de 1956. Pela primeira vez este certame internacional reúne-se no hemisfério sul e num país pela maior parte tropical, permitindo a muitos geógrafos tomar contacto com a originalidade de uma zona terrestre, a que os seus estudos concedem cada dia mais importância. Foi uma grande vitória para a geografia brasileira ter conseguido, por grande maioria a decisão de reunir o Congresso no Rio. A formação e o desenvolvimento deste ramo da ciência no Brasil é dos fatos mais notáveis da geografia dos

nossos dias. Se bem que logo no 1.º Congresso Internacional de Geografia reunido em Antuérpia em 1871, o Brasil figurasse, representado pelo seu imperador D. PEDRO II, só no Congresso de Lisboa que marcou o reatamento das relações internacionais no domínio desta ciência depois da guerra, o Brasil mandou uma numerosa delegação dos seus mais ilustres e representativos geógrafos. Aí lançou o seu primeiro convite, que retirou por cortesia para com os Estados Unidos. Mas tomara uma posição que lhe permitiu, no Congresso seguinte, em Washington (1952), apresentar uma proposta com tôdas as garantias de êxito.

Se a aceitação da União Geográfica Internacional é uma grande satisfação para a geografia brasileira, ela envolve também responsabilidades. O Congresso reunirá com facilidade mais de um milhar de participantes. Mas os geógrafos não vêm apenas para se reunir em discussões científicas e em convívio humano. Incumbe aos Congressos marcar orientação de trabalho, rumos de pesquisas, debater pontos controvertidos, fixar doutrina, sugerir temas de estudo. Nisto um Congresso de Geografia é igual ao de qualquer outra disciplina científica. Mas há nêles outro aspecto da maior importância: os geógrafos vêm de tôdas as partes do mundo para ver, para conhecer, para percorrer terras novas, ambientes diferentes, enriquecendo seu conhecimento do mundo e descobrindo sugestões comparativas, porque já o disse um mestre da nossa ciência, “a comparação é a alma da geografia”. Por isso, antes, durante e depois do Congresso, realizam-se excursões cujos itinerários são escolhidos de acôrdo com

certos aspectos e temas de estudo que eles pretendem focar. Desde o Congresso de Paris de 1931, considerado um modelo, que se dedica a este aspecto da organização do Congresso a maior importância. É necessário recorrer a pessoas com conhecimento profundo das regiões que vão mostrar; um livro-guia chama a atenção para os aspectos e problemas fundamentais. Diante da natureza e das obras humanas, os diretores de excursão expõem os grandes traços da paisagem, a sua originalidade, os problemas que suscitam. Seguem-se geralmente perguntas, dúvidas a esclarecer, sugestões a discutir. Um geógrafo não é homem de gabinete: o terreno é o seu local de trabalho, aí ele se sente à vontade, no seu elemento, e revela seu pulso e qualidades de análise e coordenação. Porque a geografia de hoje, sejam quais forem as discussões que suscite, o seu âmbito e os modos de ver de diferentes escolas, é uma ciência. Talvez menos pelo objetivo, ainda, um tanto incerto e comum, em larga margem, com outras ciências mais precisas da natureza e da vida social; mas pela atitude, pelo modo de ver, que exclui o amadorismo fútil, o impressionismo apressado, o descritivo meramente literário.

ga-se assim à definição de tipos, de famílias, de parentescos, seja nas formas de relevo, nas modalidades da ocupação agrária do solo, do povoamento, da vida das grandes cidades.

Por isso o geógrafo é sempre um viajante; os congressos internacionais, uma das suas ocasiões de fazer as malas; as excursões que acompanham esses congressos, um ensejo de enriquecer conhecimentos e de aquilatar o desenvolvimento da geografia em determinado país.

Coube-me, como secretário-geral da Comissão Organizadora, preparar o Congresso Internacional de Geografia que se reuniu em Lisboa na Páscoa de 1949. Com um grupo de amigos devotados, conseguimos prestar ao mundo dos geógrafos um serviço que outros países de maiores recursos lhe vinham recusando: o reatar das relações internacionais. O Brasil tem muitas coisas a seu favor: o florescimento do ensino e da pesquisa nas suas jovens e promissoras universidades, a existência de um grande organismo estadual dedicado apenas aos estudos geográficos — o Conselho Nacional de Geografia — e o fato de ter uma pessoa que é como um traço de ligação entre a União Geográfica Interna-



O primeiro vice-presidente da União Geográfica Internacional, professor Orlando Ribeiro (à esquerda), quando concedia a sua entrevista coletiva à imprensa. Vêm-se ainda, da esquerda para a direita) o professor Hilgard O'Reilly Sternberg, vice-presidente da U.G.I. e secretário executivo da Comissão Organizadora do XVIII Congresso Internacional de Geografia, o tenente-coronel De Paranhos Antunes, secretário-geral do C.N.G. e vice-presidente da Comissão Organizadora, e o professor Mário Lacerda de Melo, presidente da Associação de Geógrafos Brasileiros.

A Geografia é uma ciência de observação da terra e dos climas, dos homens, das suas maneiras de viver, nas suas necessidades e no seu poder criador. Observando, procura-se em cada lugar, o que faz a sua originalidade, elevando-se em seguida a um ponto de vista comparativo e sintético. Che-

cional e a Comissão Organizadora Nacional: o professor HILGARD O'REILLY STERNBERG, vice-presidente da primeira e secretário-executivo da segunda.

Como vice-presidente da U.G.I. sigo com o maior interesse o esforço que estão fazendo os colegas brasileiros; como antigo

organizador de um certame dêste gênero, avallio bem os seus esforços, compreendo e partilho de suas esperanças e até (porque não dizê-lo?) momentos de desânimo. Mas estou seguro do êxito: o Brasil possui hoje uma plêiade de jovens ativos geógrafos, formados nos mais recentes métodos de pesquisa, endu-recidos no trabalho de campo. O auxílio oficial, e o apoio moral que vale tanto como êle, não lhe estão faltando. O Congresso do Rio será um grande acontecimento no mundo da geografia. Aqui — nos quatro cantos dêste

país imenso onde as excursões os vão levar — os geógrafos têm muito que ver: variedade natural, tradições de ocupações do solo que ascendem há mais de quatro séculos, multi-dões de imigrantes da mais diversa proveni-ência, velhas cidades adormecidas e novas me-trópoles de vida trepidante. Há aqui gran-des temas de observação e de reflexão. Fica-remos gratos aos nossos colegas brasileiros por nos darem o ensejo de uma visita ao Brasil, procurando que todos dela possam tir-ar o maior proveito.”

As Grandes Enchentes do Amazonas

Resultados dos estudos preliminares acêrca da grande cheia do rio Amazonas

Por deliberação do Ten. Cel. DEOCLÉCIO DE PARANHOS ANTUNES, secretário-geral do Conselho Nacional de Geografia, uma turma de geógrafos dessa entidade, sob a orienta-ção do Prof. LÚCIO DE CASTRO SOARES, rea-lizou há tempos estudos *in loco* sôbre as cau-sas determinantes da grande enchente do rio Amazonas ocorrida em 1953, a maior até en-tão registrada.

As principais conclusões preliminares re-sultantes dessas pesquisas foram consubstan-ciadas em recente exposição que o Prof. LÚCIO DE CASTRO SOARES encaminhou ao secretário-geral do C.N.G., cuja íntegra é a seguinte: — “De acôrdo com os resultados dos estudos preliminares realizados pelo Con-selho Nacional de Geografia (resultados su-jeitos a retificações posteriores, que venham a surgir à luz dos estudos climatológicos fi-nais mais completos), duas causas poderiam, por enquanto, ser apontadas como determi-nantes da grande enchente do rio Amazonas em 1953, a maior até então registrada.

Uma dessas causas seria a maior pluvio-sidade, de caráter excepcional, ocorrida na região noroeste da bacia amazônica, isto é, no território compreendido entre o rio Ama-zonas (trechos denominados Solimões e Ma-rañon) e a bacia do rio Negro inclusive. A outra teria sido o adiantamento da estação chuvosa da região noroeste, o que ocasionou uma concomitância parcial, ao invés de uma sucessão normal dos períodos de cheias, re-sultantes dos dois períodos de chuvas, que são, de abril a setembro na região noroeste

(verão boreal) e de outubro a março, na re-gião sudoeste (verão austral).

Não havendo notícia de excessivo degêlo na cordilheira dos Andes em 1953, é de su-por-se que êste fenômeno não tenha influído como causa da grande enchente amazônica daquele ano.

Quaisquer que sejam as causas das gran-des cheias do Amazonas, estas tendem a al-cançar níveis cada vez mais altos, devido principalmente ao entulhamento progressivo dos leitos planiciários do Amazonas e dos seus afluentes, o qual é responsável pelos trans-bordamentos locais observados em suas res-pectivas calhas.

Tendo principalmente causas climáticas, imprevisíveis e incontroláveis pelo homem, as grandes cheias amazônicas não podem ser evitadas. Não obstante, medidas práticas são possíveis de serem adotadas no sentido de atenuar os danos por elas causadas às popu-lações e à economia sediadas nas várzeas amazônicas.

Dentre as medidas em questão que pode-riam ser efetivadas sem maiores despesas e por meio de um planejamento relativamente simples e perfeitamente exequível em curto prazo, destacamos as seguintes:

- a) defesa à segurança das populações ribeirinhas, rurais e urbanas, tor-nando suas habitações menos vul-neráveis à ação destruidora das águas de transbordamento, pela lo-calização planejada dos novos nú-cleos de população (cidades, vilas e povoados) em terrenos marginais